



**IMAGINÁRIO RELIGIOSO CATÓLICO
– PROTESTANTE – PENTECOSTAL –
NEOPENTECOSTAL? IMPLICAÇÕES DAS
ORIGENS E MÚLTIPLAS REEDIÇÕES DE
O LIVRINHO DO CORAÇÃO EM SOLO
BRASILEIRO**

**CATHOLIC – PROTESTANT –
PENTECOSTAL – NEW-PENTECOSTAL
RELIGIOUS IMAGINARY? IMPLICATIONS
OF THE ORIGIN AND MULTIPLES RE-
EDITIONS OF *THE BOOK OF THE HEART*
ON BRAZILIAN SOIL**

Helmut Renders

Graduação em Teologia pelo Seminário Teológico de Reutlingen da Igreja Metodista Unida na Alemanha, doctor of ministry pelo Wesley Seminary Washington, mestrado transformado num doutorado direto e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, na Universidade Metodista de São Paulo.

E-mail: helmut.renders@metodista.br

RESUMO

A concepção de cada igreja da salvação, das relações entre Deus, o ser humano e o mundo, e das possíveis transformações ou de seu grau, é construída, normalmente, com base em sua respectiva doutrina. Entretanto, a doutrina não é a única fornecedora de sentido religioso. Este artigo investiga a construção do imaginário em *O livrinho do coração*, o seu aproveitamento do discurso imagético ou emblemático da contrarreforma e sua reprodução por editoras presbiterianas, metodistas, pentecostais e batistas. Levanta-se a tese de que o imaginário dessa publicação é mais transconfessional do que se assume.

PALAVRAS-CHAVE

Mística empática; *O livrinho do coração*; Livros emblemáticos; Imaginário religioso; Johann Evangelista Gossner.

ABSTRACT

Every church's concept of salvation, the relation between God, the human being, and the world, its possible transformation or the extent of it is build upon its doctrine. This article investigates the construction of the imaginary of the booklet *The book of the heart*, its use of the imagetic or emblematic discourse of the Counter-Reformation and its reproduction by Presbyterian, Methodist, Pentecostal and Baptist editors. The article comes to the conclusion that the imaginary of this publication is more transconfessional than is normally assumed.

KEYWORDS

Empathetic mystic; *The book of the heart*; Emblem books; Religious imaginary; Johann Evangelista Gossner.

1. INTRODUÇÃO

Estávamos preparando as comemorações do centenário (1908-2008) do Credo Social da Igreja Metodista e do antigo Conselho Federal de Igrejas, hoje Conselho Nacional de Igrejas Cristãs dos Estados Unidos, uma herança hoje especialmente promovida pelos presbiterianos e metodistas. Propusemos uma reflexão sobre as dimensões de uma espiritualidade capaz de contribuir para uma visão de uma teologia pública. Aí, o estimado colega de faculdade e bispo emérito Paulo Ayres Mattos me apresentou um panfleto de formação espiritual de cunho popular, o qual, segundo ele, teria sido muito usado no metodismo brasileiro. Olhei para o emblema da capa e disse: “Isso é um texto católico!”. “Não é metodista!” – ele retornou. De fato, nós dois tínhamos razão. Descobri, ao longo de uma pesquisa inicial, que nem isso era toda a verdade¹. O texto, o chamado *O livrinho do coração* ou, em outra edição em língua portuguesa, *O coração do homem*, acabou se relevando um texto popular não somente entre metodistas, mas também entre pentecostais, batistas e *presbiterianos!* Destes foi, de fato, a primeira edição, e por causa disso quis publicar esse texto também numa de suas revistas, em busca de parceiros/as de pesquisa e do diálogo.

Propomos uma investigação em dois passos. Na primeira parte, apresentamos a origem católica da edição presbiteriana e as edições posteriores de *O livrinho do coração*, no caso, por metodistas, uma Sociedade de Folhetos com atuação no mundo evangélico e pentecostal e, mais recentemente, por uma editora batista.

¹ Este artigo faz parte da produção acadêmica do projeto de pesquisa “A Religião do Coração do Brasil” do grupo de pesquisa “*Discursus* – Teologia Prática e Linguagem” da Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo.

Na segunda parte, descrevemos o imaginário religioso promovido pelo panfleto e levantamos a hipótese de que essa publicação, por sua difusão e aceitação transconfessional e transdenominacional, expressou e também refortaleceu um imaginário religioso presente no Brasil desde o projeto colonial, religando-o com o projeto neocolonial ou, atualmente, pós-colonial. Em combinação, o caráter transconfessional ou transdenominacional e transepocal do imaginário promovido por *O livrinho do coração* faz dele uma expressão significativa de uma vertente específica da religião cordial brasileira, contribuindo, por seu caráter, inicialmente, antimoderno e, depois, antirrepublicano, para a ambiguidade da religião cordial do Brasil como um todo. Mencionamos somente que isso vale para a devoção ao Sagrado Coração de Jesus por causa de sua vinculação com o projeto da romanização da Igreja Católica e a briga ultramontanista com a República brasileira. Segundo a nossa impressão, trata-se de uma instrumentalização de um discurso pictorial e mental de aspectos em si vitais, promissores e essenciais da religiosidade cordial, que, nesse aspecto, deve ser superada.

2. O LIVRINHO DO CORAÇÃO E O IMAGINÁRIO RELIGIOSO DA IURD COMO EXEMPLO DA RELEVÂNCIA DO TEMA

Antes de documentarmos a história imagética de *O livrinho do coração*, gostaríamos de dar um exemplo da suposta relevância desta investigação. O espaço público é hoje dominado por duas expressões da religião do coração: as representações da devoção ao Sagrado Coração de Jesus e o coração como logotipo da Igreja Universal do Reino de Deus (a partir daqui, Iurd). Nas duas figuras a seguir, escolhemos uma versão popular do Sagrado Coração de Jesus e do Sagrado Coração da Maria em combinação com a pomba (Figura 1), fotografada num mercado popular em Tiradentes, em julho 2008, e o logotipo da Iurd (Figura 2).

Figura 1 – Sagrado Coração de Jesus e Sagrado Coração da Maria



Fonte: Foto tirada pelo autor em um mercado de artesanato em Tiradentes, MG, 2008.

Figura 2 – Bandeiras cristãs do mundo



Fonte: Disponível em: <<http://www.crwflags.com/fotw/flags/rel-iurd.html>>. Acesso em: 20 jun. 2008.

Enquanto a devoção do Sagrado Coração de Jesus acompanha o projeto ultramontanista ou da romanização da Igreja Católica Romana a partir da segunda metade do século XIX, com seu clímax com a inauguração do Cristo Redentor em 1932, a Iurd se identifica com o símbolo do coração como logotipo eclesiástico a partir da década de 1980². Quanto às

² O ano da implementação do símbolo não é do nosso conhecimento. Na Iurd, usavam-se, inicialmente, como logotipo as duas mãos dobradas em oração, de Albrecht Dürer.

figuras 1 e 2, acreditamos que elas se expliquem melhor como uma criação imagética paralela do que por uma dependência direta. Entretanto, a escolha do logotipo do coração pelo neopentecostalismo mostra sua capacidade de interagir com a cultura religiosa brasileira em geral – e dela a religião cordial faz parte. Ao lado do uso simbólico do coração como representação da Igreja, a metáfora do coração aparece também na descrição de suas crenças:

4 – A manifestação da terceira Pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo, é feita no coração humano, para convencê-lo do pecado, da justiça e do juízo. Quando cometemos algum pecado, Ele logo mostra, por meio da nossa consciência, que pecamos, permitindo nosso arrependimento³ (grifo nosso).

De fato, a Iurd entende o coração não somente como lugar da conscientização do pecado, mas também como possível espaço da residência dos demônios do pecado. Essa afirmação é criticada pela Comissão Permanente de Doutrina da Igreja Presbiteriana do Brasil:

No pensamento da IURD, em sua ação pastoral, missionária e evangelística, a Igreja deve sempre empregar o método de expulsão de demônios para libertar as pessoas e a sociedade destes males. Concordamos com D. Powlison, em sua crítica ao movimento de “batalha espiritual”, ao afirmar que o que está por detrás dos ministérios de libertação individual é a *crença equivocada de que “os demônios do pecado residem dentro do coração humano”* (IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, 2007, grifo nosso).

Mas será que a Iurd criou sozinha esse imaginário? Neste ponto, entra o texto da investigação, *O livrinho do coração*. A sua primeira estampa (Figura 3) representa o coração como moradia do diabo, e a estampa número quatro (Figura 4) relaciona cada pecado com um demônio!

³ Disponível em: <<http://www.igrejauniversal.org.br/doutrinas.jsp>>. Acesso em: 20 jun. 2008.

Figura 3 – Capa de *O livrinho do coração*



Figura 4 – Emblema nº 4 de *O livrinho do coração*



Fonte: Acervo Geral da Igreja Metodista.

A Figura 3 é da primeira edição brasileira de *O livrinho do coração*, do pastor Jensen (GOSSNER, 1914) da Igreja Presbiteriana Brasileira (IPB). A Figura 4 é da vigésima – e última (?) – edição metodista desse livro em 1970 (GOSSNER, 1970, p. 39 [emblema n. 4]). A Iurd surgiu sete anos depois. A comparação das afirmações do relatório da Comissão Permanente de Doutrina da IPB com as estampas de *O livrinho do coração* não deixa dúvidas: os integrantes não se lembraram ou não queriam se lembrar de que o imaginário religioso promovido pela Iurd não estava tão distante do imaginário promovido, no mínimo, por certas vertentes das igrejas históricas, no caso, da IPB e da Igreja Metodista. Mas nem elas criaram esse imaginário! Tanto a Iurd como essa vertente do protestantismo repetem um discurso imagético estabelecido pela contrarreforma – ou reforma católica – e dependem, diretamente dele, ou seja, esse imaginário contribuiu para a construção do imaginário religioso brasileiro cristão desde da sua introdução em solo brasileiro e faz parte do seu “encobrimento” (DUSSEL, 1993). Para mostrarmos essa relação, precisamos retornar para a época renascentista da reforma protestante e da reforma católica.

3. A *THEOLOGIA CORDIS* CATÓLICA, A *THEOLOGIA PECTORIS* PROTESTANTE E O GÊNERO DOS LIVROS EMBLEMÁTICOS

3.1. OS LIVROS EMBLEMÁTICOS: O ESPÍRITO RENASCENTISTA

O *livrinho do coração* faz parte de um *genre* de publicações que surgiu na época da Renascença, os livros emblemáticos. A obra *Emblematum liber*, publicada em 1531 pelo italiano Andrea Alciato (1492-1550), é considerada o modelo para todas as que a seguiram. Em termos gerais, livros emblemáticos são compostos pela combinação da escrita com uma imagem, em detalhe, lema, emblema e epigrama, e, no caso de alguns dos livros emblemáticos luteranos, pelo acréscimo de um versículo bíblico como quarto elemento.

3.2. OS LIVROS EMBLEMÁTICOS E A PROMOÇÃO DA *THEOLOGIA CORDIS* E DA *THEOLOGIA PECTORUM*

Segundo o léxico real sobre a história da arte alemã,

[...] apareceram entre 1626 e 1857 no mínimo 31 livros emblemáticos que se ocupam com o coração, e quase todos se utilizaram da imagem do coração (HECKSCHER; WIRTH, 1967, col. 167).

A linguagem pictorial usada nesses livros emblemáticos, entretanto, tem a sua origem bem além desse período e é estabelecida na fase tardia da época medieval, no século XIII (cf. RENDERS, 2009b). Eric Jager (1996, p. 1) comenta:

Escritas sobre o coração são uma frequente, e muitas vezes viva, metáfora na literatura e imagem na arte medieval. Lendas de santos se referem a mártires que receberam divinas inscrições nos seus corações que mais tarde foram abertas e lidas. Sermões e poesias entendem o coração como um livro no qual os fiéis anotam os mandamentos de Deus ou no qual Cristo grava a história da sua própria paixão.

Além desse uso amplo, houve uma especial apreciação da metáfora do coração, da mística da noiva e dos fermentos de Jesus pela mística feminina, primeiro, em mosteiros alemães. Importantes representantes foram Mechthild de Magdeburgo (1207-1282), Mechthild de Hackeborn (1241-1288/1289) e Gertrud de Helfta (ou a Grande) (1256-1301/1302)⁴. Sua contribuição acompanhou a ascensão de mulheres na sociedade medieval em geral e provocou um debate na Igreja que levou o escolástico Henrique de Gand (1217-1293) à questão: “Pode uma mulher ser doutora em teologia?” (RASCHIETTI, 2008, p. 104).

Além dessas mulheres de destaque, documenta Hamburger (1997) o uso da imagem do coração como casa ou morada da Trindade ou do Coração de Jesus como encontro com ele mesmo na Santa Ceia, na arte feminina anônima do mosteiro Eichstätt, em Wallburg, Alemanha. Para o Brasil, mais diretamente importantes são posteriormente Catarina de Siena (1347-1380) e, finalmente, Teresa de Ávila (1515-1582). Tanto no primeiro caso (Figura 5) como no segundo (Figura 6), enfatiza-se o aspecto da mudança do coração como renovação, talvez na tradição de Jeremias (31:33)⁵.

⁴ Compare com a espiritualidade de Nicolau Ludwig de Zinzendorf (1700-1760) e sua ênfase nas feridas de Jesus (FEIL, 1986, p. 170-194).

⁵ Compare com a mística substituição de corações de Johann Arndt (1555-1621).

Figura 5 – Catarina de Siena trocando seu coração com Jesus
Artista: Giovanni di Paolo, cerca de 1460



Fonte: Disponível em: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/73/Giovanni_di_Paolo_Saint_Catherine_of_Siena_Exchanging_Her_Heart_with_Christ.jpg>. Acesso em: 23 mar. 2009.

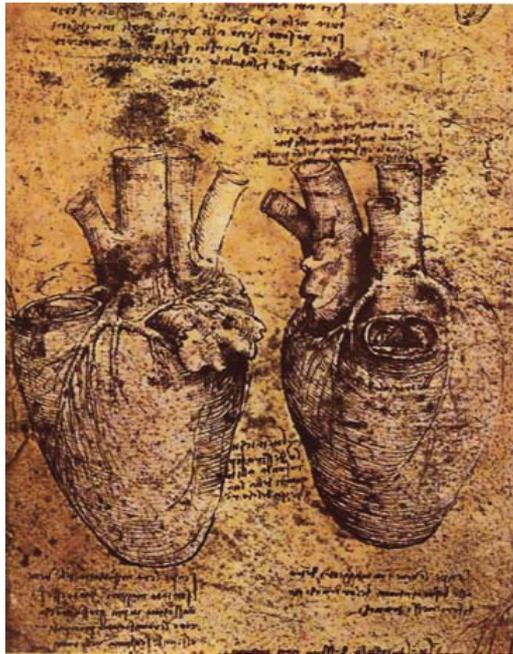
Figura 6 – Pintura na sacristia da Igreja Nossa Senhora do Carmo de Ouro Preto, construída entre 1766-1772



Fonte: Foto do autor.

Teresa nasceu quando Leonardo da Vinci (1452-1519) estava no fim de sua vida. Esse cientista e artista renascentista *par excellence* eternizou os avanços da medicina da sua época pela reprodução do coração humano (Figura 7), por sua vez, relacionado com a descoberta da importância da circulação sanguínea.

Figura 7 – O coração segundo Leonardo da Vinci



Fonte: Disponível em: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/61/Heart_and_blood_vessels_by_da_Vinci.jpg>. Acesso em: 23 mar. 2009.

Pela metáfora do coração, relacionavam-se, então, elementos positivos, primeiro, a promoção do aspecto vital da fé cristã como elemento essencial da vida e, segundo, o anseio por reformas, renovação ou avivamento, tanto social como eclesiástico e pessoal, inclusive sob o aspecto do gênero. Finalmente, fez-se uma ponte entre as ciências avançadas e a religião avançada, e isso foi usado na descrição como propagação tanto da perspectiva da reforma católica como do movimento pietista com seu propósito principal de reformar a Igreja. Aliás, já no brasão de Lutero, o coração ocupou um espaço central. Longe de se esgotar numa proposta intimista por princípio, tratava-se de enxergar Deus, a si mesmo e o mundo de uma forma dinâmica. Confira a obra do matemático cartógrafo francês Oronce Finé (1494-1555) e como, segundo ele, em 1536, o mundo deve ser visto (Figura 8):

Figura 8 – Mapa do mundo em forma de coração, do cartógrafo francês Oronce Finé, de 1536



Fonte: Disponível em: <<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Map-heart-054.jpg>>. Acesso em: 12 fev. 2009.

Isso, de fato, era também uma antiga percepção cultural, como Denise Gimenez Ramos (2008) mostrou em sua investigação linguística “O simbolismo do coração”. Criava-se, por meio de uma só imagem, uma expressão atrativa da fé cristã com potencial mobilizador numa época em que essa e outras crenças, pela primeira vez na história, acabaram sendo questionadas numa extensão anteriormente nunca vista. A importância desse imaginário tanto no ambiente católico como no meio protestante é resumida na autodesignação da teologia jesuíta como *theologia cordis*, como na descrição posterior do pietismo alemão, e da teologia do avivamento do século XIX como *theologia pectoris* ou teologia pectoral⁶. Ambos significam o mesmo: a teologia do coração⁷. Em seguida, limitamo-

⁶ A expressão é de August Johann Wilhelm Neander (1789-1850), seguidor de Friedrich Schleiermacher. Neander tinha o lema: “*Pectus est quod theologum facit*” [É o coração que forma o teólogo]. Seus colegas, entretanto, alertaram em relação aos perigos do caráter subjetivo dessa teologia: “Tudo é simpatia ou antipatia, amor ou ódio. Odeia-se seu adversário, considera-o uma pessoa sem coração e compaixão, sem espírito e vida, sem Deus e religião, simplesmente porque se não encontra seu próprio *eu nele*” (BAUR 1862, p. 335).

⁷ *Cor, cordis*: coração; *pectus, pectoris*: literalmente, o peito.

nos a uma mostra do imaginário pictorial e ignoramos os exemplos do imaginário mental, presente, por exemplo, em textos de Mestre Eckhart (1260-1328), Thomas A. Kempis (1380-1471), Ignatio de Loyola (1491-1556), Teresa de Ávila (1515-1582), João da Cruz (1542-1591), Johann Arndt (1555-1621), Nicolau Ludwig de Zinzendorf (1700-1760) e John Wesley (1703-1791), e em muitos hinos da época da reforma e de épocas posteriores.

4. LIVROS EMBLEMÁTICOS CATÓLICOS

Quem descobre o mundo dos livros emblemáticos da religião do coração repara logo na diversidade de linguagens e na forma como lema, emblema, epigrama e, às vezes, o texto bíblico são relacionados. Propomos, recentemente, um mapeamento de “códigos e projetos” (RENDERS, 2009b) dessa linguagem. Neste artigo, porém, não pretendemos explorar a diversidade dessa linguagem, mas a continuidade de uma delas, transcendendo e entrelaçando ambientes católicos, protestantes e “evangélicos”, ou seja, também pentecostais e neopentecostais.

4.1. DA THEOLOGIA CORDIS DO JESUÍTA ANTONIUS WIERIX...

Uma geração depois da publicação de Andrea Alciato, surgiu um livro emblemático para divulgar a *theologia cordis* na perspectiva da recente fundada Ordem dos Jesuítas. A *res significans* do texto era o coração. Tratava-se do livro *Cor Iesu amanti sacrum*, de 1585-1586, de Antonius Wierix (1555-1604). As imagens a seguir comentadas, entretanto, são de uma edição protestante dessa obra, de Christian Hoburg. (1607-1675), místico na tradição de J. Arndt (arrepentimento – iluminação – união mística). Escolhemos esse caminho por ser acessível na internet. Em sua obra *Lebendige Herten-Theologie [Teologia viva do coração]*, originalmente de 1661, Hoburg (1691) descreve o coração de Jesus (p. 6 – emblema

1), Jesus batendo à porta do coração (p. 14 – emblema 3), Jesus limpando o coração (p. 22 – emblema 5), Jesus ensina no coração (p. 34 – emblema 9) e Jesus pinta no coração (p. 42 – emblema 10). Indicamos essa edição por ser acessível na internet e por não ter os direitos de uso da imagem.

Repare que o título do emblema 1 se refere ao coração de Jesus como santo e amado, não por acaso, o símbolo da Companhia de Jesus, ainda preservado até a edição protestante. Dentro do livro, encontramos 47 gravuras que mostram Jesus atuando no coração humano. A representação dos pecados, simbolizados por animais, nos interessará ainda mais tarde numa outra edição. Destaca-se o acento cristocêntrico: o agente da transformação é Cristo.

Três filhos de A. Wierix seguiram o pai e marcaram a visualização do projeto jesuíta. Hieronmus (ou Jerônimo) criou, em 1609, um dos primeiros ciclos da vida e morte de Ignatius de Loyola e é conhecido por sua reprodução de gravuras do protestante Albrecht Dürer e, interessante para a história da América Latina e seu imaginário religioso fundante, e da penetração do coração de Santa Teresa (cf. WILSON, 1999, p. 117, 121). Maria Clara Lucchetti Bingemer (2004, p. 45) afirma, citando Segundo Galilea:

[...] a Igreja na América Latina teve sua espiritualidade configurada por [...] três místicos ibéricos [Teresa de Ávila, João da Cruz e Inácio de Loyola, o autor] que marcaram os evangelizadores e, por conseguinte, também o processo de evangelização do continente.

No caso de Teresa de Ávila, não há dúvidas de que sua espiritualidade foi imagetivamente expressa pela mudança do coração. Com isso, o projeto da religião cordial está relacionado com a implantação do Evangelho no país. Passamos, então, para mais uma expressão dessa espiritualidade⁸.

⁸ Agnes Guiderdoni-Bruslé (2002, p. 35-54) mostrou que o imaginário de Wierix também orientou Francisco de Sales (1567-1622), cuja espiritualidade está presente no Brasil pela comunidade salesiana (Dom Bosco). Margareta Maria Alacoque (1647-1690), que deu início à devoção do Sagrado Coração de Jesus, entrou com 24 anos na Ordem da Visitação fundada por Sales. A importância da devoção do Sagrado Coração como projeto da romanização ou do ultramontanismo em solo brasileiro não pode ser subestimada para a formação ou reafirmação do imaginário religioso brasileiro.

4.2. ...ÀS TABUAS PINTADAS DO PADRE DOMINICANO NOBLETZ E DO PADRE JESUÍTA VICENTE HUBY (1608-1693)

Cinquenta anos depois de Wierix, na época da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), encontramos, ao redor de 1630, uma linguagem emblemática parecida com a de Wierix nas tábuas pintadas de Michel le Nobletz (1577-1652). Esse padre dominicano era um promotor da reforma católica e atuou, predominantemente, como evangelista na Bretanha, no noroeste da França. Suas tábuas pintadas (Figura 9) tornaram-se uma forma específica francesa da comunicação religiosa jesuíta.

Figura 9 – Cartaz francês reproduzindo as tábuas de Michel Nobletz



Fonte: Disponível em: <<http://www.quimper.maville.com/actualite/2006/12/29/quimper/les-tableaux-de-le-nobletz-les-nombreux-tableaux-de-mission-ou-taolennou-27365105.html>>. Acesso em: 12 mar. 2009.

À procura de um método popular de evangelização, Nobletz recorreu à linguagem imagética da *theologia cordis* jesuíta. Observa-se que, ao redor dos corações, há florais e plantas,

talvez para referenciar o contexto da Bretanha com suas origens celtas e sua profunda apreciação da criação (LACOSTE, s. d.). Na última linha, encontramos, no centro, Jesus batendo à porta do coração e, à sua direita, limpando o coração do pecado.

No século seguinte, um outro missionário pioneiro da Bretanha, o padre jesuíta Vicente Huby (1608-1693), deu continuidade à missão por meio de tábuas pintadas. Ele era também um engajado missionário popular e, além disso, fundador de centros de retiro para encontros espirituais. Sua interpretação da *theologia cordis* definiria a iconografia dos emblemas de forma conclusiva. Não temos uma imagem original⁹, mas encontramos a cópia de uma das suas tábuas numa versão de 1890 (cf. EXPOSITION, 2008). Huby trabalhou com dez imagens que contam a história do ser humano a partir de sua abertura para o mal ou para o bem. O mal é representado pelos pecados capitais, e o bem, pelas virtudes. O pecador deixa o diabo ou os demônios morarem em seu coração e assim dominá-lo. O cristão permite a Deus fazer morada em seu coração. É uma representação do tudo ou nada: ou Deus preenche o coração, ou o diabo.

4.3. DO ESPELHO DO CORAÇÃO (1732)...

Mais cinquenta anos passaram. Nessa fase, entre cerca de 1680 e 1732, aconteceu a transição da linguagem emblemática de Wierix na releitura de Nobletz e Huby das tábuas pintadas para um tipo de livro emblemático popular. Para isso acontecer, passou-se pela Universidade de Würzburg, Alemanha, onde as imagens foram transformadas em gravuras. Num perspectiva mais ampla: o livro emblemático de Wierix, por sua base em latim, certamente não um texto “popular”, chegou ao povo.

⁹ Existem ainda 29 originais (cf. PATRIMOINE DE FRANCE, 2008).

4.4. ...ATÉ O *HERZBÜCHLEIN*¹⁰ DO CATÓLICO JOHANNES EVANGELISTA GOSSNER (1812)

No fim do século XVIII, o padre católico Johannes Evangelista Gossner (1773-1858) trabalhou na região no sul de Würzburg. Como Nobletz e Huby, era um missionário popular na busca por ferramentas atraentes e compreensíveis. Gossner conhecia a tradução de 1732 e popularizou-a ainda mais – ou novamente? – por meio de uma edição própria, em 1812. Era a época das guerras de Napoleão, e o rei da Bavária andava com os franceses. Igrejas católicas foram fechadas, certamente, um ambiente “apocalíptico” para muitos católicos da época. Nesse momento, Gossner (Figura 10) lançou sua nova edição agora com o título *O livrinho do coração*.

Figura 10 – *O livrinho do coração*, emblema nº 1. Edição estadunidense em língua alemã de 1831



Fonte: Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=x6xSVu_oAhEC&pg=PA8&dq=Johann+Gossner+herz&as_brr=1&rview=1#PPA8,M1>. Acesso em: 12 maio de 2009.

¹⁰ *O livrinho do coração* em alemão.

Gossner manteve contatos com grupos protestantes. Um desses contatos era o pastor Luterano Christian Friedrich Spittler (1782-1867) (WEIGELT, 2000, p. 113-148). Spittler era secretário da Sociedade da Cristandade (*Christentums-gesellschaft*), com sede na cidade de Basileia, na Suíça. O contato era tão intensivo que Gossner, em 1811, por seis meses, até ocupou a função de secretário-geral dessa organização. Spittler, por sua vez, fundou também, em 1815, a Associação da Missão de Basileia (*Basler Mission*). Essa sociedade missionária acabou usando o material de Gossner em suas missões em todo o mundo. E com a tradução para o inglês, em 1822, o livro conquistou também as missões inglesas e depois os Estados Unidos. Finalmente, Gossner tornou-se luterano em Berlim. Isso somente aumentou a divulgação de sua obra em círculos protestantes. Com ele, a linguagem imagética jesuíta de V. Huby tornou-se base das missões protestantes no mundo inteiro. O Quadro 1 apresenta os dez temas abordados por Gossner nos emblemas de seu livro.

Quadro 1 – Temas abordados por Gossner

Estampa	O caminho da decadência	O caminho da superação	Estampa
Nº 1	O homem entregue ao pecado	Pessoa com coração em processo de resfriamento que acaba por amar o mundo	Nº 6
Nº 2	Pessoa com a consciência iluminada	Estado da pessoa que, depois da sua conversão, voltou a cometer seus antigos pecados, agora totalmente nas mãos de satanás	Nº 7
Nº 3	Crente cheio do Espírito	A morte do pecador como salário do pecado	Nº 8
Nº 4	Pessoa reconciliada com Deus	Pessoa que batalha contra o pecado e persiste na fé	Nº 9
Nº 5	Pessoa que se tornou templo do Deus vivo	A morte do piedoso e justo	Nº 10

A estrutura do livro é tripla e se repete de emblema em emblema. Inicia-se com o emblema, segue uma detalhada descrição deste, uma oração e uma ou mais estrofes de um hino. Depois, o texto descritivo pode iniciar antes da reprodução do emblema. Isso visa, provavelmente, economizar espaço, porque, na primeira página completamente vazia, depois do hino o autor coloca o próximo emblema. Podemos, então, dizer que o emblema antecede o texto onde for possível.

Em comparação com a iconografia de Wierix, destaca-se menos a ação de Jesus do que do Espírito Santo. Enquanto Wierix reproduz um Cristo batendo à porta do coração, investigando, limpando, ensinando o coração humano, domina na

iconografia de Huby /Gossner a afirmação de um coração dividido entre Deus e seus anjos e o diabo e seus demônios.

Quanto ao Espírito Santo, percebe-se novamente uma radicalização: ele está ou não presente. Não há um meio-termo. Nesse imaginário – e isso será muito incomum para um teólogo católico ou, mais tarde, para um luterano –, não aparecem nem o batismo nem a Santa Ceia.

5. A TRADIÇÃO DOS LIVROS EMBLEMÁTICOS PROTESTANTES E PENTECOSTAIS

Antes de abordarmos a recepção do livro no Brasil, gostaríamos de um primeiro intercâmbio interconfessional que acontece já nos séculos XVI e XVII. Trata-se de centenas de edições, inclusive luteranas e puritanas, de *Cor Jesu amanti sacrum* (cf. DALY; DIMLER, 1997). Já mencionamos a edição de Christian Hoburg (1691) e acrescentamos a de Henry Hawkins (1634) com seus reflexos diretos, por exemplo, no livro *O peregrino* do escritor puritano Bunyon. Observamos aqui o primeiro intercâmbio católico-protestante que antecede a troca interconfessional por meio do livro de Gossner.

A segunda razão de tratar desse tema neste momento é uma distinção entre linguagens emblemáticas católicas e luteranas. Além das meras cópias protestantes de textos católicos, desenvolveu Daniel Cramer (WARNCKE, 2005, p. 122), o primeiro que usou o coração como *res significans* em todas as seus emblemas, um estilo próprio. Cramer propaga em sua obra, publicada em 1617, o ano do centenário da reforma e, em suas edições posteriores aumentadas de 1622 e 1624, a fé da reforma. Mencionamos essa obra para mostrar que, no mínimo em alguns casos, o protestantismo sabia se apropriar da linguagem emblemática e não meramente reproduzia a linguagem católica. Isso, entretanto, como veremos, não seria o caso das publicações brasileiras.

5.1. O *HERZBÜCHLEIN*, EM USO ENTRE OS COLONOS ALEMÃES NO RIO GRANDE DO SUL?

Iniciamos a nossa apresentação com uma hipótese ainda não verificada em relação à provável presença de *O livrinho do coração* na missão inicial luterana. Wachholz (2003) confirma a importância da Escola de Missão de Barmen e do seu envio de obreiros para ajudar os colonos alemães no Rio Grande do Sul. O primeiro professor de teologia da escola, um ex-padre, era amigo de Johannes Gossner. Segundo a Associação de Missão de Barmen, ele seguia o padrão da associação de Missão da Basileia. Wilhelm Wachholz (2003, p. 132) anota:

No dia 11 de julho de 1825, o curso elementar foi iniciado com cinco jovens, após ter sido chamado o ex-padre católico Ignaz Lindl, amigo de Johann Evangelista Gossner. [...] O curso elementar deveria durar dois anos e servir como preparatório para os estudantes que completariam seus estudos no Seminário de Missão da Basileia.

Ambos os aspectos tornam provável que *O livrinho do coração* não andou despercebido. Falta observar que muitos colonos eram da própria Bavária, como propria a rainha de Pedro II, responsável pela chegada dos primeiros colonos. Esses três elementos tornam provável que os colonos luteranos no Brasil leram Gossner em alemão, talvez já no início da imigração, mas com mais probabilidade a partir do segundo terço do século XIX. Entretanto, na literatura não se encontra uma só citação respectiva.

5.2. O *LIVRINHO DO CORAÇÃO* NA EDIÇÃO PRESBITERIANA (1914)

Certeza, entretanto, temos em relação à primeira edição em língua portuguesa no Brasil. Um pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, o dinamarquês André Jensen, traduziu o texto

diretamente do alemão, reorganizou a sequência proposta por Gossner em 1812 e acresceu com comentários (GOSSNER, 1914). Na introdução de Alderi Souza Matos (2007, p. 43-62) sobre a atividade literária dos presbiterianos no Brasil, o texto, entretanto, não aparece.

A capa, Jensen reservou para o estado do ser humano que deve ser superado (Figura 11). Como no texto original, Jensen manteve-se fiel à memória da origem católica:

O *Livrinho do Coração* foi originalmente escrito em língua francesa, mas sendo então muito diferente do que atualmente é, visto ter passado por sucessivas edições revistas e melhoradas. No ano de 1732 foi traduzido em Würzburg, para o alemão [...] O título então era: “Espelho espiritual”¹¹ [...] Era dedicado à referida edição ao bispo Friedrich Karl¹² (GOSSNER, 1914, p. 8-9).

Os dez emblemas são “obra do gravador universitário” (GOSSNER, 1914, p. 9), e essas gravuras sobreviveriam – em grande parte – a todas as edições católicas e protestantes em seguida documentadas. Para não esquecer: eles representam a linguagem imagética criada por Huby.

Figura 11 – Capa de *O livrinho do coração* (primeira edição brasileira de 1914)



Fonte: Disponível em: <http://www.archive.org/details/livrinho_01>. Acesso em: 12 maio de 2009.

¹¹ Sobre o uso de “espelho”, ver Sauvy (1989) e Ginther (1706), no último caso, na mesma época.

¹² Friedrich Karl de Schönborn, bispo de Bamberg entre 20 de junho de 1728 e 1734.

Quanto ao texto, Jensen mantém-se fiel ao original alemão. Em grande parte, ele somente acresce textos bíblicos. Depois da parte descritiva, traduz também cada oração e encerra com uma ou mais estrofes de um hino do hinário presbiteriano.

Apesar da fidelidade, muda a sequência dos emblemas.

Quadro 2 – Mudança da sequência

Estampa	O caminho da decadência	O caminho da superação	Estampa
Nº 1	O homem entregue ao pecado	Pessoa perseverante	Nº 6
Nº 2	Pessoa com a consciência iluminada	Pessoa reconciliada com Deus	Nº 7
Nº 3	Cristão negligente	Pessoa que se tornou templo de Deus	Nº 8
Nº 4	Cristão decaído	Pessoa que batalha contra o pecado	Nº 9
Nº 5	A morte do ímpio	A morte do justo	Nº 10

Dessa forma, Jensen aproxima o texto original ao imaginário dos dois caminhos. Provavelmente, ele conhecia a sua reprodução emblemática pelo cartaz *Os dois caminhos*, de 1866. Essa intervenção aproxima a sua edição ao discurso pietista, sem mexer com o conteúdo segundo a sua substância.

5.3. O LIVRINHO DO CORAÇÃO NA EDIÇÃO METODISTA (ATÉ 1970)

Quanto à Igreja Metodista, não temos certeza absoluta de que a vigésima edição de 1970 teria sido também a sua última. Também não sabemos quando a imprensa metodista começou a publicar o texto, mas, calculando um prazo de um a três anos entre cada edição, podemos imaginar a data como algo perto de 1950 (com variação de 1 ano), 1930 (variação de 2 anos) ou 1914 (variação de quase 3 anos). Com certeza, sabemos que o panfleto foi divulgado semanalmente nos anos 1916 e 1917 no órgão oficial da Igreja Metodista, o *Expositor Cristão*. Essa data é muito próxima à publicação da IPB. Seja ou um gesto panprotestante ou uma iniciativa paralela, o texto tornou-se formativo (Figura 12). Segundo testemunhos, *O livrinho do Coração* estava à venda em diversas regiões eclesiais do país, em cada igreja local, até a década de 1960.

Há uma diferença entre a edição presbiteriana e a metodista: a escolha do emblema da capa. A edição metodista projeta o fim feliz, não o ser humano afastado de Deus e sobre controle do diabo¹³.

Figura 12 – *O livrinho do coração* (edição brasileira de 1970)



Fonte: Foto do acervo geral da Igreja Metodista.

5.4. O LIVRO O CORAÇÃO DO HOMEM NUMA EDIÇÃO SUÍÇO-SUL-AFRICANA (A PARTIR DE 1958)

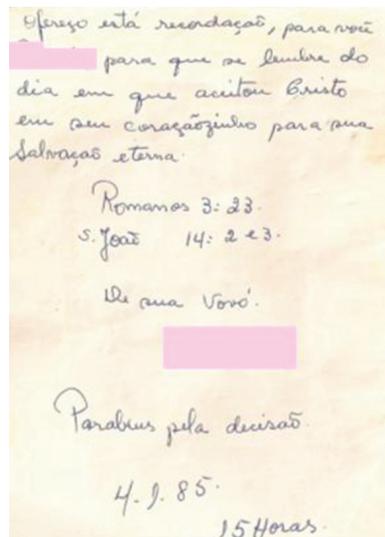
No mercado, encontram-se hoje ainda duas outras edições de uma associação missionária pentecostal de origem suíça, com sede na África do Sul. Segundo a nossa observação, esse texto circula mais em igrejas pentecostais como a Assembleia de Deus.

Trata-se de uma edição da All Nations Gospel-Publishers, uma missão suíça que atua na África do Sul desde 1935.

¹³ Verificamos isso com relação à 14ª e 20ª edições. Na propaganda de 1916 e 1917, no *Expositor Cristão* aparecem as duas capas.

Segundo informação via *e-mail* da sede dessa missão, a versão em língua portuguesa existe há cerca de cinquenta anos. Fora disso, os folhetos são editados sem especificar o ano. Na primeira página do exemplar aqui reproduzido, foi registrada a função do texto no cotidiano (Figura 13). O exemplar foi entregue em 4 de fevereiro ou setembro de 1985¹⁴ para um jovem no dia da sua conversão (“no dia que você aceitou Cristo em seu coraçãozinho para sua salvação eterna”), até com horário exato¹⁵.

Figura 13 – O livrinho do coração (edição sul-africana, a partir de 1958)



Fonte: Foto do autor.

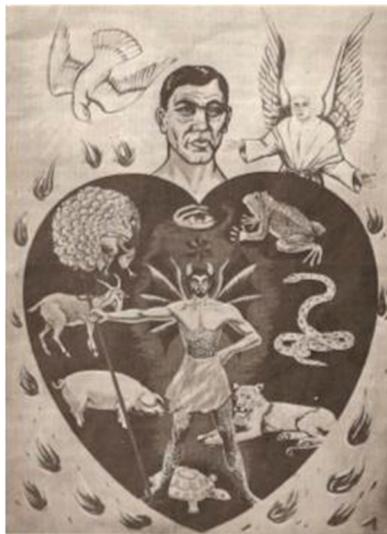
Este *Sitz im Leben* na catequese inicial garante a grande influência do imaginário religioso transmitido por esse tipo de literatura. Uma memória da conversa com assinatura, data e horário representa, para alguns evangélicos, o mesmo que o certificado de batismo para outros. Feito dessa forma, transforma-se o texto na interpretação principal da vida a partir da “aceitação de Cristo”. Isso não é marginal, mas formativo para o imaginário religioso de uma pessoa.

¹⁴ O mês está ilegível. Tanto 4 de fevereiro quanto 4 de setembro não eram domingos.

¹⁵ Tiramos o nome.

A edição sul-africana tem uma particularidade. Ela acresce um elemento à linguagem emblemática pela substituição da gravura pela técnica do *off-set*. Dessa forma, escalas de cores podem ser reproduzidas (Figura 14). O coração sem Deus é agora reproduzido como inteiramente preto, até os pecados e demônios precisam ser desenhados em cinza.

Figura 14 – *O livrinho do coração* (edição sul-africana, a partir de 1958). Emblema nº 1



Fonte: Foto do autor.

Há mais duas grandes diferenças. Primeiro, nesse texto editado na África do Sul qualquer referência direta à origem católica que sempre constava nas edições presbiterianos e metodistas foi eliminada, provavelmente pela suposta rejeição caso isso ficasse evidente. Enquanto a edição alemã se refere ao diabo e a edição de Jensen ao demônio, essa edição fala de Lúcifer¹⁶.

O que mudou completamente são o texto e as referências bíblicas. Veja, como exemplo, o uso de citações bíblicas na descrição do primeiro emblema. A edição de 1831 é supostamente fiel às edições do próprio Gossner, a edição de 1914 é de Jensen, e a de 1985, da África do Sul.

¹⁶ Estranhamente, continua-se reproduzindo um simbolismo católico. Há edições bem anteriores, como a de Gossner (1837), que eliminaram, por exemplo, o crucifixo e substituíram-no por uma cruz vazia. Mas esse não é o caso dos emblemas nas edições em língua portuguesa.

Quadro 3 – Citações bíblicas nas três edições

Gossner (1831)		Gossner (1914)		Gossner (1985)	
					Jr 17.9; Mc 7.21-23; Is 14.8-17; Ez 28.12-17; 1Pd 5.5; Pv 16.18; Gn 39; 1Co 6.18-19; 1Co 3.17; Dt 21.18-21; Pv 23.11; Pv 28.17; Is 5.22; Hc 2.15; Is 5.12; 1Co 6.9-10; Gl 5.19-21; Jo 7.37-38; Is 55.1; Jo 4.14; Pv. 21.25-25-26; Lc 13.24; Mt 11.22; Hb. 3.7-8; Sl 37.23; Sl 75.5-7; Dt 18.10-12; Ap 22.15; Lv 19.31; Is 8.19-20; Hb 2.14-15; Sl 37.8; Pv 27.4; Cl 3.8; Dt 32.33; Ct 8.6; 1Tm 6.10; Mt 6.19-21; Js 7; Mc 9.28; Lc 12.15; Lc 12.16-21; Lc 12.22-34; Jo 8.44; Ti 1.2; 1Jo 1.6; Ap 22.15; Pv 6.16-19; 1Tm 4.1-7; Hb 10.22.
Embl. 1	Ef. 2.2; Ap. 3.1.	Embl. 1	Ef. 2.2; 2Tm 3.2-6; 1Pd 5.5; 2Pd 2.22; Ap. 15.13; Ap. 3.16; At 28.27; Mt 23.37; Mt. 7.13	Embl. 1	

Além da mera diferença na quantidade (2, 9 e 50 indicações), a última edição introduz também textos do Antigo Testamento. O aumento das referências bíblicas significa, na práxis da leitura, uma mudança do foco na contemplação do emblema e sua interpretação para o texto bíblico. Isso, porém, não significou uma mudança do imaginário religioso.

Mais uma diferença: as edições de 1831 e 1914 mantêm a escrita ao lado dos símbolos nos emblemas 5/8 – O coração como templo de Deus –, a edição de 1985 a elimina.

5.5. O LIVRO O CORAÇÃO DO HOMEM NUMA EDIÇÃO BATISTA (1996)

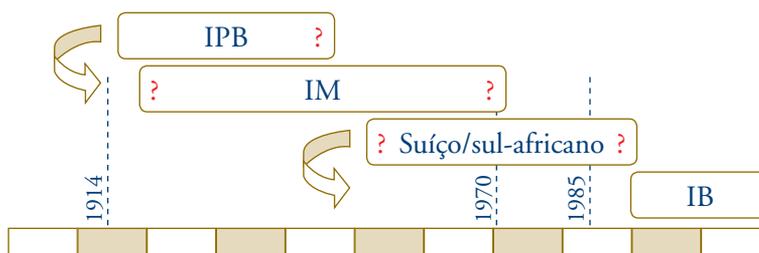
A Editora Vida fez uma reimpressão com a permissão da All Nations Gospel-Publishers a partir de 1996. Em 2007, a obra já estava em sua nona edição¹⁷. Há uma reedição do texto com melhoras no português e com imagens fiéis à edição sul-africana, com três mudanças iconográficas: nas estampas um, dois e três, desapareceram as pequenas chamas como símbolo do Espírito Santo; no emblema cinco, *pater, filius, spiritus sanctus* é traduzido, e o contraste entre claridade e escuridão é reduzido.

¹⁷ 1996: 1ª e 2ª edições; 1998: 3ª edição; 1999: 4ª edição; 2001: 5ª edição; 2003: 6ª edição; 2004: 7ª edição; 2006: 8ª edição; 2007: 2ª edição (s. n. [O coração] 2007: 2).

5.6. RELAÇÕES E DISTINÇÕES

A visão panorâmica em seguida apresentada reúne somente as edições documentadas em língua portuguesa. Os pontos de interrogação sinalizam a falta de informações exatas sobre a primeira e/ou última edição de cada versão de *O livrinho do coração*.

Figura 15 – Edições em língua portuguesa



A edição da Igreja Metodista (IM) segue a da Igreja Presbiteriana (IPB), a edição da Igreja Batista (IB) a da Sociedade de Folhetos de origem suíça, com sede em África do Sul.

O Quadro 4 apresenta as diferenças mais marcantes entre as edições.

Quadro 4 – Diferenças entre as edições

	Edição da Igreja Presbiteriana do Brasil	Edição da Igreja Metodista	Edição da Sociedade Tratado	Edição da Igreja Batista
Título	<i>O livrinho do coração</i>	<i>O livrinho do coração</i>	<i>O coração do homem</i>	
Capa	Estampa nº 1 (O ser humano dominado pelo mal)	Estampa nº 7 (O ser humano reconciliado com Deus)	Nenhuma das estampas: briga entre um anjo e o diabo	
Memória da origem católica	Preservada; promoção de um avivalismo transconfessional, no mínimo, panprotestante		Omitida	
Sequência das estampas	Sequência própria		Adota a sequência original de Goessner	
Referências bíblicas	Número aumento (2/9)		Número muito aumentado (2/50)	
Particularidades	Estampa da capa		Uso de preto e branco: preto = mal = racismo?	Omissão do símbolo das chamas para o Espírito Santo

A diferença de título já existe nas edições do próprio Goessner para o alemão¹⁸. É possível que a mesma edição tenha sido editada com capas diferentes. Senão, a edição presbiteriana teria pronunciado as consequências severas do pecado, e a edição metodista, o estado da graça¹⁹. Quanto à questão do imaginário religioso, essas diferenças, entretanto, são “marginais”, e prevalecem os aspectos estabelecidos desde o século XVI. Ou seja, não é uma identidade confessional ou denominacional que configura os discursos da *theologia pectoris*, mas a *theologia cordis* e a *theologia pectoris* não se distinguem e são essencialmente iguais por serem construídas por um discurso emblemático idêntico e por epígrafes parecidas.

5.7. A ESPIRITUALIDADE DA CONTRARREFORMA PROMOVIDA PELOS LIVRINHOS DO CORAÇÃO E A MÍSTICA SIMPÁTICA E EMPÁTICA

Entendemos aqui espiritualidade como a práxis religiosa para a qual os autores e editores de *O livrinho do coração* querem conduzir seus leitores. David Morgan (1996, p. 59-96) introduziu uma distinção da mística cristã que nos orientará a seguir. Segundo o autor, a mística representa, ao longo dos séculos, dois projetos distintos: as místicas simpática e empática.

Empatia [...] e simpatia são processos emocionais parecidos, mas, finalmente, bem diferentes em suas consequências éticas e sócias. Um exame da relação entre observador e imagem ilumi-

¹⁸ O diminutivo *Herzbüchlein* – *O livrinho do coração* – é característico da linguagem pietista na época do romantismo da época pré-revolucionária, ou antes de 1848, porém parecia, de fato, já na época das guerras de libertação ou das guerras napoleônicas, fora de lugar. Mais tarde, optou-se pelo mais objetivo *Das Herz des Menschen* – O coração do ser humano. As edições em português, entretanto, trocaram “ser humano” por “homem”. Mas, de fato, no livro nenhum emblema se refere às mulheres.

¹⁹ Na propaganda sobre *O livrinho do coração*, no *Expositor Cristão*, aparecem, de fato, tanto aquela que chamamos a versão metodista como a que designamos como versão presbiteriana.

nará o papel do corpo na piedade visual em tempos diferentes: o locus medieval do sofrimento e [do ser humano como] imagem de Deus junto ao Cristo e o aspecto dos séculos XVIII e XIX do controle moral e da apresentação pública de um eu santificado (MORGAN, 1996, p. 59).

Morgan identifica, durante a transição da época medieval tardia para a modernidade, uma mudança na acentuação da espiritualidade. Antes a identificação do ser humano com a paixão do Cristo levou a empatia para seu próximo, depois se concentrou na misericórdia dos santos para com o seu adepto. A afinidade com seu santo e a consequente devoção foram respondidas por milagres (MORGAN, 1996, p. 70). Mudou-se a ênfase da devoção de Cristo para a invocação dos santos, da empatia à simpatia. O projeto da reforma católica assumiu esse projeto, e os jesuítas o representaram nos seus livros emblemáticos. E apesar de o próprio Gossner ser perseguido pelos jesuítas na Bavária, ele e seus reeditores, justamente neste ponto, não se destingem do projeto jesuíta. Mediante esse imaginário, a religião enfatiza a dependência de Deus, o controle do seu interior e o afastamento do mundo, considerado como sedutor ou perseguidor e que se deve tratar com caridade, sim, mas à distância máxima (cf. RENDERS, 2009a).

E em relação à afirmação desse aspecto, todas as edições mantêm o mesmo imaginário. Um mundo cheio de demônios quer penetrar o ser humano e inundar a sua vida. E sua luta, basicamente, se reduz à rejeição da tentação e à preservação da sua “santidade”, como Morgan com toda a razão afirma. Nesse imaginário, a promoção da justiça externa nem é mais tematizada. É um imaginário religioso que talvez seja compreensível pela falta de liberdade religiosa diante da ameaça da inquisição (que convocou diversos representantes da religião do coração), da ascensão do absolutismo político, e dos séculos de guerras e do colonialismo. Mas, como programa religioso de Estados absolutistas, como projeto religioso em Estados no início da sua fase de democratização ou em plena democracia, essa espiritualidade impede uma cidadania colaboradora por parte dos seus adeptos.

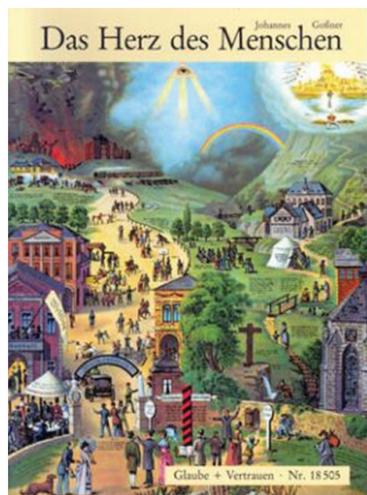
6. OUTRAS IMAGENS EMBLEMÁTICAS RELACIONADAS COM O IMAGINÁRIO DE O LIVRINHO DO CORAÇÃO

O livrinho do coração não é a única representação imagética dessa vertente. Há mais dois ícones protestantes relacionados com eles. Um é de 1866 e o outro de 1942.

6.1. O QUADRO DOS DOIS CAMINHOS

A reorganização da sequência dos emblemas de Gossner por Jensen segue a mesma lógica da imagem dos dois caminhos²⁰. O original de sua reprodução gráfica mais conhecida é de 1866, inspirada por Charlotte Reihlen e realizado por Paul Beckmann no sul da Alemanha. De fato, há uma edição alemã do livro de Gossner (1994) que constrói uma relação direta, usando a imagem na capa (Figura 16).

Figura 16 – *O livrinho do coração* (capa de uma edição alemã de 1994)



Fonte: Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Der_breite_und_der_schmale_Weg_2008.jpg>. Acesso em: 12 maio 2009.

²⁰ Nessa edição de 2008, falta um aspecto do original: o olho da providência.

A imagem visualiza, na parte esquerda do caminho largo, as seduções e agressões do mundo e no caminho estreito, no lado direito. Nesse lado, encontramos uma igreja, a escolha dominical, uma tenda de missão, um orfanato (literalmente, *Kinderrettungsanstalt*, instituição para salvar crianças); no outro lado, encontram-se um teatro, um restaurante com espaço para bailes, um cassino, cenas de uma batalha e, por último, um trem. A forma como se vê o mundo é muito próxima à visão de Gossner que morreu oito anos antes da criação do cartaz.

6.2. A IMAGEM DE CRISTO BATENDO À PORTA

A imagem de Cristo batendo à porta é considerada um ícone dos ícones protestantes do século XX, criada em 1942 (!) por Warner Sallman. A seguir, representamos (Figura 17) um vitral da Igreja Metodista Wesley, em Porto Alegre (cf. BETTS, s. d., p. 22)²¹.

Figura 17 – Cristo batendo à porta do coração, de E. Warner Sallman (original de 1942)

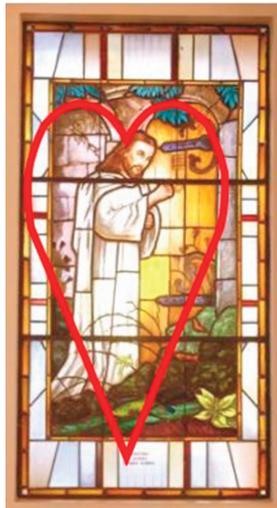


Fonte: Vitral da Igreja Metodista Wesley de Porto Alegre, RS. Envio de sr. Betts.

²¹ Outros vitrais baseados em obras de Sallman são: *A cabeça de Cristo*, *O Cristo piloto*, *Jesus em Getsemane*, *O bom pastor* e *Ao raiar do dia* (cf. BETTS, s. d., p. 4, 18, 34, 38, 42).

Note que muitas vezes não se percebe que o artista manteve a antiga iconologia de Wierix. Apesar de Cristo e a porta ocuparem a nossa atenção, há ainda discretamente o contorno de um coração, composto pelo arco acima da porta, e, no arco ao seu lado, a ponta formada pelas plantas. O título original mostra que essa era a intenção de W. Sallman: Cristo na porta do coração²² (MORGAN, 1998, p. 22).

Figura 18 – Cristo batendo à porta do coração, de E. Warner Sallman (original de 1942)



Fonte: Vitral da Igreja Metodista Wesley de Porto Alegre, RS. Envio de sr. Betts.

A diferença entre a imagem do século XX e a do XVI está no ambiente. Wierix coloca o coração humano num ambiente celestial, cercado por anjos. Por sua vez, Sallman o coloca num ambiente terrestre, mas romantizado. O tipo de porta, na arquitetura “romana”, e as plantas na parede e no caminho indicam um prédio antigo e uma situação pouco urbana. É representada uma forma idealizada da religião verdadeira e essencial do passado, num estilo não muito diferente dos nazarenos católicos. Esse ícone do protestantismo, entretanto, não é italiano ou latino, mas anglo-saxão (MORGAN, 1996). Embora Gossner não tenha utilizado a imagem do

²² *Christ at the heart's door.*

Cristo batendo à porta em *O livrinho do coração*, tratou esse motivo numa publicação à parte (GOSSNER, 1865). O Cristo batendo à porta do coração faz, então, parte desse ciclo imagético, com o acréscimo de que ele avançou para um ícone do protestantismo estadunidense.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essas duas imagens, chegamos mais uma vez às igrejas protestantes: o tripé das imagens de *O livrinho do coração*, do cartaz dos dois caminhos e do Cristo batendo à porta compõe um único conjunto de uma teologia concentrada na interação entre divino e humano, no interior da pessoa humana, em busca de um estado interior de santidade, sem preocupação maior com o ambiente exterior. Certamente, esse projeto não prepara para a vida numa democracia. Ele não promove uma atitude de cidadania. Para chegar lá, a mística pode ter uma específica contribuição, mas deve ser a mística empática, do seguimento de Cristo, do seu exemplo de amar o mundo e a humanidade, da contemplação que resulta no abraço ao outro, ao que é diferente, para que o coração seja símbolo de um projeto que libera coragem, misericórdia e a busca por concórdia. Precisamos construir o imaginário da religião cordial e do ser humano cordial brasileiro com outros recursos além daqueles relacionados à reforma católica e a seus epígenos protestantes e pentecostais²³.

Terminamos com um testemunho. Numa das conversas sobre a função de *O livrinho do coração* no cotidiano, uma professora me contou que foi evangelizada por sua mãe com base nesse livro. Entretanto, segundo ela, as circunstâncias da vida humilde jamais impediram que a família se envolvesse na promoção da questão social e da justiça. Talvez seja esse o caso em outras famílias também. Melhor seria, entretanto, não mais propagar esse tipo de imaginário, e o refletir sobre a ques-

²³ Considero a tentativa católica da releitura da devoção do sagrado coração de Jesus, numa perspectiva de uma mística empática, um projeto parecido (cf. BINGEMER, 1988; MAÇANEIRO, 1990; 1997).

tão como princípio protestante poderia ser promovido de forma imagética.

Ficam então muitas perguntas abertas: Qual era tiragem das edições presbiterianas, das 20 edições metodistas, dos 50 anos de distribuição da missão de tratados e dos dez anos da edição batista? A distribuição concentrava-se em Estados? Quais são os dados exatos das primeiras e últimas edições de parte das publicações? Como podemos evidenciar melhor seu impacto real ao imaginário religioso?

Quem sabe, pesquisadores/as presbiterianos/as, batistas e pentecostais possam contribuir para essa investigação e abrir ainda perspectivas além daquelas aqui brevemente apontadas.

REFERÊNCIAS

BAUR, F. C. *Geschichte der christlichen Kirche*. Tübingen: Fues, 1862. v. 5, Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=H8gCAAAAQAAJ&dq=BAUR,+Fer+dinand+Christian.+Geschichte+der+christlichen+Kirche&printsec=frontcover&source=bl&ots=yT11Mpvxeq&sig=XaXpPMOol0KzTfPNxVJguiZFLEk&hl=pt-BR&ei=7iQdSuuvGKnhtgfHwY2HDQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1>. Acesso em: 12 maio 2009.

BETTS, J. N. *Vitrais da Igreja Metodista Wesley*. Porto Alegre: [s. n., s. d.]. 51 p.

BINGEMER, M. C. L. A misericórdia do coração de Jesus e a opção pelos pobres. In: LIBÂNIO, J. B. (Ed.). *Um coração novo para um mundo novo*. Itaici, São Paulo: Loyola, 1988. p. 74-105.

_____. A mística cristã em reciprocidade e diálogo: a mística católica e o desafio inter-religioso. In: TEIXEIRA, F. (Org.). *No limiar do mistério: mística e religião*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 35-73.

DALY, P. M.; DIMLER G. R. *Coprus Liberum Emblematum: The Jesuit Series*. Toronto: University of Toronto Press, 1997. v. 4, 400 p.

DUSSEL, E. *O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1993.

EXPOSITION. Sainte-Marine.info. Disponível em: <<http://www.sainte-marine.info/Taolennou2.html>>. Acesso em: 2 jun. 2008.

FEIL, E. *Religio: die Geshchte eines neuzeitlichen Grimalbegriffs Vom Frühchristentrembis Zur Reformation*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1986.

GINTHER, A. *Speculum amoris et doloris in sacratissimo ac divinissimo corde Jesu incarnati, eucharistici, et crucifixi, orbi Christiano propositum*. Augsburg, 1706.

GOSSNER, J. E. *Das Herz des Menschen: Ein Tempel Gottes oder eine Werkstätte Satans*. Harrisburg, 1831.

_____. *Representation of the heart of man in its depraved state by nature and the changes which it experiences under the influences of the spirit of God operating upon it: to which are added, directions for keeping the heart*. 3. ed. New York: J. H. Minuse, 1837. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=CQQPAAAAIAAJ&pg=PA51&dq=Johann+Gossner+heart&as_brr=1#PPA4,M2>. Acesso em: 19 maio 2009.

GOSSNER, J. E. *The heavenly visitant: Christ at the door of the man's heart*. London: William Mackintosh, 1865.

_____. *O livrinho do coração*. Tradução André Jensen. São Paulo: Vanorden, 1914.

_____. *O livrinho do coração*. Tradução André Jensen. 20. ed. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1970.

_____. *Das Herz des Menschen: Ein Tempel Gottes oder eine Werkstätte Satans*. In zehn Sinnbildern dargestellt. 49. ed. Sennestadt: Missionsverlag, 1994.

GUIDERDONI-BRUSLÉ, A. Images et emblèmes dans la spiritualité de saint François de Sales. *XVII e Siècle*, n. 214, p. 35-54, 2002. Disponível em: <http://www.cairn.info/article.php?ID_REVUE=DSS&ID_NUMPUBLIE=DSS_021&ID_ARTICLE=DSS_021_0035>. Acesso em: 12 mar. 2009.

HAWKINS, H. *The devout heart*. Rouen: John Costurier, 1634.

HAMBURGER, J. F. *Nuns as artists: the visual culture of medieval convent*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1997.

HECKSCHER, W. S.; WIRTH, K.-A. Emblem, Emblembuch. In: HEYDENREICH, L. H.; WIRTH, K.-A. (Ed.). *Reallexikon zur deutschen Kunstgeschichte*. München: Zentralinstitut für Kunstgeschichte, 1967. v. 5, col. 85-228. Disponível em: <<http://rdk.zikg.net/gsd/cgi-bin/library.exe?e=d-01000-00---off-0rdkZz-web--00-1--0-10-0---0--0prompt-10-TE--4--emblem+emlembuch--Sec---0-11-11-de-Zz-1---20-p-%5bemblem+%5d%3aTE+%5bemlembuch%5d%3aTE+--01-3-1-00-0-0-11-1-0utfZz-8-00&a=d&c=rdk-web&cl=&d=D1762.3#mark>>. Acesso em: 12 maio 2009.

HOBURG, C. *Lebendige Hertzens-Theologie, das ist lebendige Betrachtung wie Christus im Hertzen wirke und wohne und im Hertzen der Liebhabenden sei alles*. Frankfurt und Leipzig: Michael Brodhagen, 1691. Disponível em: <<http://diglib.hab.de/wdb.php?dir=drucke/xb-2903-1>>. Acesso em: 12 mar. 2009.

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Julgai todas as coisas*. Uma avaliação das principais crenças e práticas da Igreja Universal do Reino de Deus, 2007. Disponível em: <www.executivaipb.com.br/arquivos/IURD-2007.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2008.

JAGER, E. *The Book of the heart: reading and writing the medieval subject*. *Speculum*, v. 71, n. 1, p. 1-26, jan. 1996.

LACOSTE, C. *Tableaux énigmatiques ou images morales by Le Nobletz en usage dans les missions depuis 250 ans*. Publiées de nouveau. 2. ed. Paris, Lyon: Périsse: [s. d.].

MAÇANEIRO, M. Espiritualidade do Coração de Jesus, hoje: reflexão a partir da América Latina. *Grande Sinal*, ano 44, n. 4, p. 389-401, 1990.

_____. Oblação e solidariedade como mística do coração. *Grande Sinal*, ano 51, n. 3, p. 269-289, 1997.

MONJE, J. A. G. A responsabilidade como hábito do coração. *Grande Sinal*, ano 50, n. 3, p. 400-406, 1996.

MORGAN, D. Imaging protestant piety: the icons of Warner Sallman. *Religion and American Culture*, v. 3, n. 1, p. 29-47, 1993.

_____. *Icons of American protestantism: the art of Warner Sallman*. New Haven, CT: Yale University Press, 1996. 266 p.

MARTINS, F. S. *Leitura iconográfica e mensagem icônica dos “Novíssimos” de Wierix*. Repositório aberto. Porto: Universidade do Porto, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10216/8569>>. Acesso em: 12 mar. 2009.

MATOS, A. S. A atividade literária dos presbiterianos no Brasil. *Fides Reformata*, v. XII, n. 2, p. 43-62, 2007. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_XII__2007__2/alderi.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2009.

PATRIMOINE DE FRANCE. Disponível em: <<http://www.patrimoine-de-france.org/oeuvres/richesses-20-7277-55161-P204244-131587.html>>. Acesso em: 2 junho 2008.

RAMOS, D. G. O simbolismo do coração. *Correlatio*, n. 2, out. 2002. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio02/o-simbolismo-do-coracao/>>. Acesso em: 12 maio 2008.

RASCHIETTI, M. *A imagem sem imagem: uma abordagem da teoria do conhecimento de Meister Eckhart através do princípio hermenêutico da Imago-Bild*. 2008. 300 f. Tese (Doutorado)–Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2008.

RENDERS, H. *Somos deste mundo: imaginário religioso e ação social. Sal da terra e luz do mundo: 100 anos Credo Social Metodista*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2009a. p. 89-113.

_____. Deus, o ser humano e o mundo nas linguagens imagéticas da religião do coração: códigos e projetos. *Pistis & Práxis*, 2009b. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/red/index.php/pistis?dd1=2720&ddd99=view>>. Acesso em: 10 out. 2009.

SAUVY, A. *Le miroir du coeur: quatre siècles d'images savantes et populaires*, Paris: Cerf, 1989.

SOUZA, C. F. B. *Religio Cordis: um estudo comparado sobre a concepção de coração em Ibn'Arabi e Joao da Cruz*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências da Religião)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2008.

TEIXERIA, F. O desafio da mística comparada. In: _____. (Org.). *No limiar do mistério: mística e religião*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 59-83.

VOIGT, A. *Der schmale Weg, der zum Leben führt: über die kulturprägende Wirkung des Pietismus in Württemberg. Schwabenbilder: zur Konstruktion eines Nationalcharakters*. Ausstellungskatalog, Tübingen: Ludwig-Uhland-Institut für Impirische Kulturwissenschaft, 1997. p. 71-78.

WACHHOLZ, W. *Atravessem e ajudem-nos: a atuação da “Sociedade Evangélica de Barmen” e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul (1864-1899)*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

WARNCKE, C.-P. *Symbol, Emblem, Allegorie: die zweite Sprache der Bilder*. Köln: Deubner Verlag für Kunst, Theorie und Praxis, 2005.

WEIGELT, H. Die Diasporaarbeit der Herrnhuter Brüdergemeinde und die Wirksamkeit der deutschen Christumgesellschaft im 19. In: JAHRHUNDERT, M. S.; U. GÄBLER, U. (Ed.). *Der Pietismus im neunzehnten und zwanzigsten Jahrhundert*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2000. p. 112-149.

WIERIX, H. *Vita B. P. Sanctii Ignatii de Loyola Societatis Iesu Fundatoris*. Antuérpia, 1609.

WILSON, C. C. Saint Teresa of Ávila's Martyrdom: images of her transverberation in Mexican Colonial Painting. *Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas*, n. 74/75, p. 211-232, 1999. Disponível em: <www.analesiie.unam.mx/pdf/74-75_211-234.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2009.